

# A INTERNET COMO FONTE DE RECURSOS PARA A EDUCAÇÃO

**Dora Angélica Segovia de Rodrigues**

**Tutor Externo: Abraão Cabral**

**Professora: Jackeline Maria Beber Possamai**

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (LED 0190)

13/06/2013

## RESUMO

*O acesso à informação constantemente renovada é uma tessitura infinita, um painel intersubjetivo imanente e digital. Os internautas são sujeitos em formação, inscritos em um momento estético e histórico. Nesse contexto e na esfera da educação, o estudante pode ocupar finalmente o centro de seu próprio processo de aprendizagem. Por outro lado, entre as tarefas do professor, uma das mais relevantes é elaborar estratégias para que seu aluno se desenvolva com flexibilidade e autonomia. É sobre questões inerentes ao ambiente virtual e à utilização do hipertexto, como ferramenta pedagógica, que pretendemos discutir neste artigo. No universo encantado das tecnologias de informação e comunicação, vislumbramos a possibilidade de ampliação das fronteiras do processo de ensino e aprendizagem.*

**Palavras-chave:** Informática. Internet. Hipertexto. Educação.

## 1 INTRODUÇÃO

Estamos diante de uma geração que inaugura o conceito de variabilidade capaz de legitimar certos saberes. Teóricos, como Lèvy (1996), enfatizam que a geração informatizada adapta os seus objetivos em suas atividades cibernéticas, nesse ambiente, no qual é decodificada e transformada uma grande parte da informação. No entanto, no contexto educativo, muitos professores continuam resistindo e defendendo mitos e crenças, pouco discutindo sobre os reais efeitos da revolução tecnológica no cotidiano escolar. Muitos docentes, por falta de conhecimento ou por receio, não se utilizam dos benefícios das tecnologias da informação e preferem não refletir sobre o seu papel em sala de aula.

Esse debate sobre tecnologia é, sem dúvida, desafiador e urge colocá-lo na pauta das discussões educacionais, pois já não podemos ignorar sua chegada,

sua importância e suas consequências. Estamos diante de outro ambiente social e a sala de aula necessita estar inserida nele. Os alunos precisam tornar-se sujeitos de sua aprendizagem, fazer suas escolhas e navegar com segurança rumo aos seus objetivos de aprendizagem.

Muitos são os recursos oferecidos pelas tecnologias e todo dia surgem novidades, permitindo acesso à rede mundial de computadores e, portanto, ao hipertexto. Capacitar o usuário é um dos grandes desafios no contexto atual. Para alguns pesquisadores, a tarefa exige formação, especialmente no que se refere ao leitor digital, pois, na sala de aula, muitos dos alunos são sujeitos da aprendizagem, porque pertencem ao grupo composto de estudantes cibernéticos.

É preciso que professores aproveitem os benefícios dessas inovações, fazendo

escolhas de aplicação prática, capacitando e promovendo suas linguagens, ou seja, usem a tecnologia no ambiente pedagógico, como ferramenta de ensino. E porque estamos diante de um novo recurso, a escola precisa incluir-se nele, contribuindo com a formação de seus alunos, especialmente no que se refere à leitura e à escrita.

No que tange à esfera digital, por meio do hipertexto, o leitor tem à frente diversos *links* e possibilidades de acessar documentos, textos, gráficos, imagens e demais formatos disponíveis no ciberespaço. Segundo Snyder (1996), esse leitor processa e faz uso das informações e acaba construindo o seu texto, de acordo com o seu interesse e conhecimento de mundo. Em se tratando de interconexão de *links*, surge a possibilidade da intertextualidade e não apenas no texto literário, mas em qualquer gênero, imagem, gráfico, poema etc. Nesse sentido, nossa pretensão é traçar algumas reflexões sobre o hipertexto e suas possibilidades de leitura, especialmente no contexto educativo.

Iniciamos esta reflexão apontando para a noção de texto em Barthes, por aproximar-se à ideia do que entendemos como leitura digital. Logo, abordamos o pensamento atual de Veen e Vrakking, que, para definir a ação leitora desta geração midiática e digital, utilizam o termo *zapear*. Nesse contexto e, em uma época de grandes transformações tecnológicas, vamos explorando alguns desafios e expectativas na área da educação, principalmente como ferramenta, recurso e contribuição.

## 2 OS LEITORES DIGITAIS

No conceito tradicional, a leitura é uma espécie de roteiro navegável, admitindo assimilações de textos e fragmentos. Da mesma forma, a escrita, sob a noção de intertextualidade, é também uma atividade interativa no tempo e no espaço. O leitor digital, da mesma forma que o leitor tradicional, precisa dos aportes de leituras prévias,

pois este fazer traz à tona outras leituras, como a época, características de estilo, eventos socioeconômicos, cujos fatores inferem no interior da prática intertextual e literária. Vivências e experiências culturais também participam do itinerário de leitura como prática. Para Roland Barthes (1992), a leitura é um ato lexicográfico, ou seja, uma separação em blocos de significação, denominadas *lexias*. Essas unidades de leitura são partes que conseguimos associar com determinados sentidos, e eles nos remetem a outros e outros sentidos.

Segundo Landow (1995), as *lexias* de Barthes desestabilizam o texto, perpassam o ato de ler da forma como definimos leitura. Quando tratamos de hipertexto, as *lexias* podem se ligar a blocos de significação, dentro de um mesmo *corpus* ou combinar com outros textos escritos por outros autores, inclusive a imagens e outras linguagens. O texto, como define Barthes, lembra o hipertexto digital, uma vez que não apresenta início nem fim, admitindo inúmeras entradas, sem superposição, nem organização hierárquica. É como se o texto se refizesse no percurso, uma escrita hipertextual do leitor, um processo de re-elaboração, independente e autônomo, cuja função é fazer-se a si mesmo.

Dentro desse pensamento, em que comparamos a leitura de um texto comum à do hipertexto, já que este requer que se desencadeiem conhecimentos para serem somados ao texto que se está lendo, há que se pensar também nas crianças que ainda não são alfabetizadas na concepção tradicional. Nesse sentido, de certo modo, elas reconhecem e manejam com eficiência o teclado do seu *tablet*, acessando e decodificando os labirintos, lendo imagens e supostas palavras.

Sabe-se que os primeiros sujeitos digitais nasceram na década de 1990 e que eles cresceram em um mundo que, segundo Veen e Vrakking (2009), a informação e a

comunicação estariam disponíveis a quase todas as pessoas e poderia ser usada de maneira ativa. Essa geração, conhecida como *Homo Zappiens*, cresceu familiarizada com múltiplos recursos tecnológicos. Os jovens da *Homo Zappiens* entendem que a linguagem não verbal vale tanto quanto a linguagem verbal, resultando na potencialização de sua capacidade de administrar os excessos quando estes se apresentam. Assimilam as fontes e incorporam-nas ao saber que constitui uma biblioteca pessoal de leitura. Esse leitor digital se importa com as escolhas de percurso, o caminho que precisa escolher como ação individualizada e que se apresenta inerente à sua experiência. O leitor digital conta com uma espécie de antena, aberta a várias fontes espontâneas de *inputs*, que chegam através de diversas mídias, a exemplo dos computadores, *smartphones* e *tablets*.

Para o leitor digital, é mais interessante modalizar a atenção naquilo que lhe interessa e a isso Veen e Vrakking (2009) chamam de *zapear*, cuja prática coloca o sujeito no centro do seu próprio saber e principalmente de suas próprias escolhas. Essa perspectiva permite que o jovem estudante se coloque no centro do processo de sua aprendizagem, sendo capaz de decidir quais questionamentos e quais informações deverão ser consideradas. Veen e Vrakking (2009) enfatizam que o *Homo Zappiens* é um aprendiz ativo e o percurso de sua pesquisa nunca é linear. Seu discurso é envolvente e pertinente, o que leva a repensar o papel do professor no desenvolvimento desse leitor.

Daí a entender porque muitos professores temem a revolução tecnológica, porque sabem que seus alunos têm afinidade com essas mídias. No entanto, há necessidade de se enfrentar essa transformação, refletir sobre a tarefa docente no sentido mais amplo e acompanhar os novos horizontes que pesquisadores como Veen e Vrakking (2009) apontam. O desafio de formar leitores e escritores é uma meta que escolas e

professores precisam perseguir em ações de formação, afinal, no dizer de Cassirer (2005, p. 48), “não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana”.

O protagonista da geração *Homo Zappiens* é parte desse universo que cita Cassirer, é um ser que não está acostumado aos limites do linear e nem do monológico. Para Veen e Vrakking (2009), as características dessa geração são polifônicas e multimídiais, sua forma de pensar e de ler é hipertextual.

A Era digital possibilita essa experiência da leitura, cujo texto apresenta vários links. É uma prática que representa a multiplicidade de olhares e saberes produzidos a partir de um texto. Na aldeia globalizada, diversas categorias passam a interligar-se e transformar-se. A música, a dança, a pintura, o cinema e a literatura e outras modalidades artísticas dialogam umas com as outras, aproximando outras possibilidades de construir novos códigos, e suas narrativas nos seduzem porque com elas nos identificamos.

## 2.1 SABERES DO HIPERTEXTO

No que se refere ao hipertexto, o seu leitor necessita ser ágil e saber pular de um ponto a outro. Suas escolhas significam possibilidades, cujo percurso vai construindo significados e sentidos. É uma leitura pluralizada, incentivada pela grande quantidade de material disponível ao usuário virtual.

Os jovens dedicam um valioso tempo à internet e, sob o ponto de vista de Canclini (2008), esse hábito também fomenta a leitura. Enquanto discurso narrativo, o hipertexto como recurso parece promissor porque possibilita a pesquisa também no campo

literário e nas mais diversas áreas. Para Deleuze e Guattari (1995), escrever não é significar, mas cartografar. Estes autores identificam três tipos de livros: o primeiro é o livro-árvore, seguindo uma lógica binária, o segundo livro-raiz com múltiplas raízes e o terceiro o livro-rizoma. Para eles, o rizoma está relacionado ao mapa que deve ser produzido, sempre desmontável, conectável, alterável. Não responde a modelos estruturais ou genéricos, não conflui, é um modelo sem centro. Não exige reconhecimento de estruturas, sentidos, origens ou intenções. Deleuze e Guattari defendem que cada fragmento deveria poder ler-se em qualquer lugar e relacionar-se com qualquer outro. Esse conceito de rizoma defendido pelos autores pode ser aplicado ao hipertexto. Derrida (1971) também oferece conceitos interessantes quanto à linguagem como rede ilimitada, pela difusão dos significados, ou seja, suas ideias contribuem por causa de sua convergência com o hipertexto.

Landow (1995) propõe a pesquisa sobre o hipertexto, sobretudo na literatura, pelas condições culturais de existência, o que significa olhar a escrita hipertextual. Essa ferramenta facilita ao aluno colocar-se no centro de sua formação e no processo de ensino-aprendizagem. Através do hipertexto, tem-se a possibilidade de visitar museus, bibliotecas virtuais, de ver e ouvir palestras de primeiro nível, acessível a qualquer um, podendo ler e comentar livros, traçando itinerários de leitura orientados por docentes preparados.

Essa perspectiva poderia encaminhar os professores para uma adequada reflexão relativa às novas tecnologias educacionais, sobretudo, as relacionadas ao hipertexto, como uma ferramenta ou, melhor, uma nova forma de produção de conhecimento e de transmissão cultural. Por isso, falar de hipertexto é falar do uso do computador e do uso das TICs, buscando soluções técnicas e novas fronteiras para abordagens metodológicas em sala de aula.

Significa dizer que as novas tecnologias exigem reflexão sobre a forma como poderiam somar na melhoria da proposta educacional. A formação de leitores digitais passa pelos estágios da capacitação de leitura no sentido de visão de mundo e de potencializar a capacidade crítica. Acreditamos que esse debate é necessário, porque trata-se de uma ferramenta aliada à formação leitora.

Na sala de aula, os alunos parecem não resistir à possibilidade de usar a informática e aproveitar seus benefícios. Eles sentem-se motivados a realizar atividades de pesquisa quando encaminhados a tarefas de investigação e experimentação. As atividades de leitura digital permitem a interação no ambiente virtual, e não apenas enxergar o ciberespaço como lugar que só serve para enviar *e-mails* ou mensagens de texto para familiares e colegas. A questão é pensar se a escola não precisaria também interagir com eles nesse ambiente, atraindo a sua atenção e provocando sua necessidade de estabelecer conexão com a sua formação.

A aprendizagem tem duas características peculiares, alguns aprendizados somente acontecem individualmente e outros em conjunto. Nesse sentido, o uso de hipertexto fornece a oportunidade da aquisição de informações que se transformam em conhecimento. O professor precisa incluir atividades midiáticas no processo de ensino, pois já não basta proporcionar a informação, mas refletir sobre como desenvolver critérios próprios que permitam autonomia da aprendizagem. Com essa prática, os alunos conseguiriam distinguir o que é importante eles saberem e o que não é, ou seja, seriam responsáveis pela sua aprendizagem.

Nessa perspectiva, a escola, ao praticar a autoavaliação, exercita a autorreflexão. É saber que estamos preparados para sair da caverna e ver o sol, usufruindo da luz. Esse aluno como sujeito possui diversas dimensões, administra suas transições no

tempo e no espaço, entendendo espaço como tarefas nas quais precisa empenhar-se. Protagonista entre seus saberes, ele será capaz de carregar consigo os seus valores éticos definidos ou escolhidos por ele mesmo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O leitor digital necessita exercitar alguns critérios em suas escolhas como, por exemplo, distinguir verdades de mentiras para não tornar-se prisioneiro de um mundo fictício, fora da realidade. Embora a questão da verdade por vezes seja um assunto um tanto relativo e que depende do sujeito, de seu tempo e de seu universo, a verdade é que, entendendo como visão coerente com a sua realidade, permite que esse sujeito cresça e se realize.

Existem informações que manipulam os indivíduos e transformam seus estilos de vida, atralalhando seus valores, diminuindo sua capacidade de ver o mundo e, com isso, a oportunidade de sucesso e de felicidade.

No hipertexto, é possível transitar entre dois mundos: o escrito e o não-escrito. Já não existem fronteiras entre a rigidez gráfica do texto escrito e a infinita possibilidade das linguagens não verbais. A leitura hipertextual é uma aventura e representa outra possibilidade, que exige maturidade, capacidade de decisão, cautela e ética.

O hipertexto digital é como uma imagem tridimensional, que possui uma única superfície e desliza por um espaço aberto, para dentro e para fora. É uma leitura que atravessa universos reais e subjetivos, impossíveis de limitar ou categorizar.

Finalmente, é incontestável o benefício do desenvolvimento tecnológico, isso nos coloca diante de um grande desafio e com isso, os seus dilemas. Precisamos desenvolver projetos pedagógicos estratégicos utilizando as inovações da informática e suas

ferramentas, a exemplo do hipertexto, para promover o aprimoramento de leitores digitais, sobretudo novas gerações preparadas para enfrentar o futuro profissional. É importante fazer com que a facilidade de acesso ao conhecimento redunde sempre em tornar-nos melhores, humanamente melhores.

### REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **S/Z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Rizoma. In: **Mil Platôs** (Capitalismo e esquizofrenia). Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. **De la Gramatologia**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.
- LANDOW, George P. **Hipertexto. La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología**. Barcelona: Paidós, 1995.
- LÈVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- SNYDER, Ilana. **Hypertext: The Electronic Labyrinth**. Victoria: Melbourne University Press, 1996.
- VEEN, Win; VRAKING, Bem. **Homo zapiens**. Educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

